

Viver em áreas de risco: reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais

Íris Adriane Santoro Cardoso – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | São Paulo | Brasil | E-mail: isantoro@uol.com.br 



SPINK, Mary Jane Paris. **Viver em áreas de risco**: Reflexões sobre vulnerabilidades socioambientais. São Paulo: Terceiro nome, 2018, p. 220.

• e-ISSN: 2177-5788

Copyright © 2019. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons – CC BY-NC-SA – Atribuição Não Comercial (<https://br.creativecommons.org/licencas/>) – Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Este livro é resultante de uma intensa pesquisa sobre os riscos de viver nas áreas periféricas e de grande vulnerabilidade na região Sul da cidade de São Paulo. A autora inicia com a explicação de como foi feita a construção da pesquisa, onde está localizada, a razão dessa região e todas as pessoas, grupos e instituições que auxiliaram na construção do texto, assim como os agradecimentos aos que viabilizaram a mesma.

Na introdução, Mary Jane Paris Spink coloca em narrativa a razão do termo risco e a necessidade de ser precavido na utilização tanto quanto a extrapolação da aplicação do mesmo. A autora afirma que não pesquisa “pessoas, mas casos que acontecem em lugares, que não ficam aprisionados a esses lugares” (p. 23), o que a levou a rever o conceito de lugar, com a colaboração da geografia.

No primeiro capítulo, é abordado como um fenômeno da natureza é agravado pelo modo de ocupação da terra. Em seguida traz as diferentes formas de entender e definir a palavra risco em sua epistemologia, pelas ciências sociais, como é seu gerenciamento, mapeamento, prevenção e planos de contingência. No final do capítulo apresenta a importância dos psicólogos nas áreas de desastre ambientais e quanto isso é dificultoso no Brasil, não pelos profissionais, mas pelas ações não serem coordenadas e não termos repertório para um trabalho voltado a desastres.

Os depoimentos de um desastre anunciado são trazidos na forma de narrativa no capítulo dois.

Com um trecho de um poema de um poeta local, Marcos Pezão, e de uma música do compositor Mano Brown, dos Racionais MC's, a autora começa o capítulo três. Descreve historicamente a habitação dessas terras que começam com os indígenas, sobretudo Tupinambás e Guaranis, depois com a apropriação dos portugueses e bandeirantes. Passa pela chegada e frustração dos alemães e pela presença japonesa nos pontos de venda de produtos. Com o desenvolvimento da região, a chegada da linha férrea, da energia elétrica, construção da represa Billings e a retificação dos rios e a especulação imobiliária, cresce o parque industrial e a ocupação desordenada, trazendo os preocupantes problemas ambientais.

No capítulo quatro, usa entrevistas, relatos, mapas e fotos para apresentar as dificuldades das áreas de risco. Percorre todo o córrego e traz as fotos e relatos da conversa que tem com o morador da área que a acompanha. Na caminhada, ela encontra outros moradores que enriquecem, com suas observações, a pesquisa.

Para problematizar as ocupações como parte de movimentos sociais pró-moradia, o déficit habitacional e o cumprir as leis ambientais, a autora começa o capítulo cinco. Traz muitas informações sobre os movimentos de pró-moradia que têm longa história no Brasil. As explicações sobre invasões e ocupações nos relatos e narrativas dão o tom do texto, assim como uma

linha histórica da ocupação dos mananciais. As relações das pessoas que buscam um espaço, as empresas e o poder público são relatadas. Trata também do direito ao meio ambiente e das relações entre as ocupações e o meio, que cabe não somente ao Estado, mas também ao cidadão que deve ter o ambiente como um bem comum, que leva a reivindicação de educação ambiental em todos os níveis de ensino.

O último capítulo faz uma narrativa com muitos relatos e imagens que permitem ao leitor ter um entendimento sobre moradias em áreas de riscos com muitas informações precisas e, ao mesmo tempo, com informações que não são técnicas, mas são vividas pelos tantos atores e autores da história do Jardim Ângela, além das considerações sobre o meio ambiente nesse processo, tentativas de proteção, preservação, desmatamentos, entulhos, aumento da população e exploração imobiliária.

A leitura do livro nos faz questionar como falta conhecimento sobre o assunto tratado e o quanto ele foi e ainda é muito importante e fundamental nos tempos atuais, com um aumento excessivo das chuvas; o quanto essa problemática de desordem nas moradias e no cuidado com o meio ambiente vem se arrastando há tantos anos sem a preocupação com o coletivo e sempre com o egoísmo de quem possa interessar.

A pesquisa foi muito detalhada e cuidadosa. A autora já no início apresenta o contexto da construção desse estudo, o que facilita de certa forma o entendimento da leitora. Discorre sobre a palavra risco e chega a ser encantador o estudo desse termo. Percebe-se o quanto usamos expressões e palavras sem ao menos pensarmos ou entendermos a sua dimensão, o quanto são significativas e preciosas diante do que queremos estudar e apresentar. As narrativas trazem uma veracidade ao estudo que permitem uma reflexão que aproxima os cotidianos. É uma escrita construída a partir da vivência da autora numa área próxima ao local de estudo, reforçando o quanto os estudos estão a nossa volta, o quanto podemos agir no cotidiano em que estamos.

Percebe-se o quanto o olho da pesquisadora/observadora instiga a pesquisa. Porém, o encontro da pesquisadora com os espaços, história e imagens feitas por ela e outras cedidas pelos moradores, mapas, reportagens e relatos contribuem para a reflexão e engradem os estudos. Leva a leitora ao encontro de todo esse material, percebendo uma escrita ecologista, com uma leitura ecologista e o nosso papel diante do que está ao nosso entorno.